



Recebido em 18/05/2020

Aceito em 20/06/2020

DOI: 10.26512/emtempos.v1i36.31637

## DOSSIÊ

# Corpos Fragmentados: a representação da raça e do corpo da mulher africana nos *Cadernos Coloniais* (1935-1941)

Fragmented Bodies:  
the representation of race and the body african women  
in *Colonial Notebooks* (1935-1941)

**Rannyelle Rocha Teixeira**

Doutoranda em História na UFRN

[ranny-elly@hotmail.com](mailto:ranny-elly@hotmail.com)

**RESUMO:** O presente trabalho tem como objetivo analisar as imagens e os textos sobre como a raça e os corpos femininos das mulheres africanas estão sendo representados no periódico lusitano, *Cadernos Coloniais*, durante o período do Salazarista, o Estado Novo. E como a construção discursiva do corpo está intimamente relacionada as manobras e estratégias de poder em prol do projeto colonialista português. Despertando na pesquisa histórica não apenas a curiosidade, mas também a necessidade de se explorar o máximo possível as análises existentes pelo contato entre Portugal e África que está na revista. Dentro desse contexto as contribuições de Foucault (2014), Villen (2013), McClintock (2010) foram pertinentes para tal desenvolvimento. O corpo tem um papel primordial na elaboração da identidade social do indivíduo. É através do corpo que o sujeito tem contato com o mundo e por ele é afetado. O indivíduo ao ocupar um lugar no espaço social possui uma compreensão desse mundo, porque desde sua gênese foi exposto as suas influências. Nesse sentido, é subordinado e moldado pelas condições materiais e culturais de existência. O corpo posto no espaço social está sujeito a um processo de socialização, cujo produto é a própria individualização, a singularidade do “eu”, sendo forjada nas e pelas relações sociais. Sendo assim, é importante percebermos o papel assumido pelo periódico ao ser interlocutor de um discurso no momento de análise.

**PALAVRAS-CHAVES:** Estado Novo. Poder. Corpo feminino.

**ABSTRACT:** This work aims to analyze the images and texts concerning the representation of African women’s race and female bodies in the Portuguese newspaper colonial notebooks, during the Salazar period “Estado Novo” (the New State). And how the discursive construction of the body is closely related to the power operations and strategies implemented in the interest of the Portuguese colonialist project. The historical research arouses not just curiosity, but also the need to deeply explore the reported analysis on the basis of the contact between Portugal and Africa in the magazine. Within this context, there are the contributions of Foucault (2014), Villen (2013), McClintock (2010)

were relevant to such development. The human body has a main role in shaping an individual's social identity. It is through the body that the subject is in touch with the world and he gets affected by it. When occupying a place in the social space, the individual understands the world, because since his genesis he was exposed to its influences. In this sense, he is subordinate and shaped by the material and cultural conditions of existence. When the body is placed in the social space, it is subject to a socialization process, which product is the individualization of itself, the singularity of the "self", since it is forged in and by the social relations. Therefore, it is important to understand the role assumed by the newspaper in being the interlocutor of a speech at the moment of the analysis.

**KEYWORDS:** New State. Power. Feminine body.

## O mundo que o colonialismo português criou

O presente artigo pretende analisar as publicações periódicas oficiais dos *Cadernos Coloniais* com o intuito de revisar/explicitar ou mesmo evidenciar os escritos relacionados à África, principalmente como se deu a relação entre colonizadores e colonizados; contato no qual resultou no processo de estruturação das relações sociais. A revista intitulada, *Cadernos Coloniais*, tem como foco primordial alertar o povo português sobre suas possessões ultramarinas e apresentar tudo o que existiam nelas. Propõem-se nesse caso, estudar as construções discursivas e imagéticas sobre a relação de gênero e a questão racial a partir das análises da referida revista na tentativa de perceber o papel do colonizador e do colonizado dentro de uma relação de poder que estaria ligada à imposição e modificação de toda uma cultura. Os anos de 1935 a 1941 correspondem aos números da revista com maior relevância sobre o tema de estudo.

A essência dos *Cadernos Coloniais* envolve a ideia reforçada sobre os feitos e as obras dos grandes homens que longe de sua pátria partem para novos mundos honrando o nome português. Em alguns dos *Cadernos* serão descritos os estigmas, usos e costumes dos indígenas. Os *Cadernos* documentam aspectos variados das colônias, dos nativos, das paisagens, dos animais selvagens, das atividades econômicas, das ações dos missionários, etc. Sendo uma coleção com setenta livros publicados pelas Edições Cosmos entre os anos de 1920 e 1960. Os temas abordados versam sobre as diversas colônias que faziam parte do Império Português e os grandes feitos da obra colonizadora.

O colonialismo foi um dos principais momentos dramáticos da história de Portugal entre 1926-1974. Dentro dos *Cadernos Coloniais* é possível sentir que a presença do colonialismo equivale à migração, investimentos e conflitos. O Império no Estado Novo, apesar de sua ideologia ter sido constituída por princípios patrióticos e corporativos, ainda teve de depender dos capitais estrangeiros e de uma mão de obra ultramarina. Diante desses aspectos, o primeiro ciclo da política colonial foi um ciclo de dura exploração. Os camponeses que viviam nas colônias africanas eram obrigados por meio da força a cultivar terras e principalmente os que trabalhavam nos campos de algodão.

A construção da política colonial durante o Estado Novo apresenta quais foram os importantes diplomas promulgados naquela época para o desenvolvimento e organização das colônias. Os aparelhos ideológicos do Estado Novo forneceram ideias de cunho nacionalista para exaltar a sua obra nos territórios ultramarinos como, por

exemplo, a capacidade colonizadora portuguesa, a faculdade de relacionamento harmonioso com os nativos e a missão civilizadora do país. Todas essas formulações foram medidas estratégicas dos próprios colonizadores portugueses com o intuito de elevar os nativos da barbárie indicando o que seria novos caminhos para o seu crescimento, mesmo que os mantivessem numa situação de real inferioridade e submissão em relação aos colonizadores brancos.

A colonização portuguesa se inseria em um modelo de colonização direcionada à exploração dos recursos naturais sendo que isso foi possível com a força de trabalho dos nativos e importação dos escravos negros africanos. Era através dessas relações sociais entre colonizadores e colonizados que o Império Português exerceu poder por meio do preconceito e da prática de discriminação racial. Visto isso, como a construção discursiva do corpo da mulher africana está intimamente relacionada as manobras e estratégias de poder em prol do projeto colonialista português? Como essas mulheres são vistas e sentidas pelo colonizador português nos ajuda a refletir as suas corporeidades, de modo a perceber as condições e os dilemas do feminino nas colônias portuguesas? E como Império português forja uma identidade étnica dos povos africanos com base na sua superioridade cultural?

### **A harmonia dos opostos nos *Cadernos Coloniais***

Segundo Patrícia Villen (2013), a análise criteriosa de variedade de pensamento seja nos artigos da revista ou nos teóricos/pesquisadores sobre a colonização portuguesa evidencia como as desigualdades de gênero e raciais constituíram a base da política colonial portuguesa na África no final do século XIX até 1933. Pois, na segunda metade do século XIX foi sendo caracterizada pela expansão do colonialismo na Ásia e na África em prol das potências imperialistas da Europa o interesse estava voltado para as fontes primárias, força de trabalho a baixo custo. Assim, Portugal tinha o domínio sobre os territórios de Moçambique, Guiné- Bissau, Angola, Ilhas de São Tomé e Príncipe e Cabo Verde.

Perceber o lugar do Outro a partir da construção de gênero e raça nos *Cadernos Coloniais* através das espacializações do discurso de poder do Império português ajuda a refletir sobre os meios estruturais impostos pelas relações até então existentes entre portugueses e africanos alterando a sua identidade étnica e a corporeidade da mulher nativa. Observa-se que nos discursos de gênero as mulheres africanas passam a ser moldadas e construídas em favor da condução do projeto colonialista, atuando como estratégia de poder e dominação que categoriza e altera toda uma identidade cultural, social, política sendo ela pertinente ao propósito colonial.

Segundo McClintock (2010), nas colônias os negros eram vistos, entre outras coisas, como desviantes de gênero, corporificações da promiscuidade e excesso pré-histórico, onde seu atraso evolutivo era evidenciado e precisava ser elevado. O esforço cada vez mais vigilante para controlar o corpo das mulheres estavam intimamente ligadas as fronteiras sexuais e as consequências que a contaminação racial tinha para o controle masculino e branco, da propriedade e do poder.

Juntamente a isso, o sistema colonial português justificou a inferioridade da civilização africana à sua incapacidade de autogoverno refletindo na criação de um sistema administrativo unitário. Essa subordinação política conferia aos portugueses o controle através das autoridades coloniais. O Estado Novo priorizava a organização política e administração ultramarinas para lidar com a nova política colonial. A forma como conduziu a questão do indígena constituiu uma trave importante da sua política colonial.

Salazar conseguiu, entre a transição da Ditadura Militar e a implantação do Estado Novo, estabelecer a plataforma política e ideológica fundamental para que se forjasse um compromisso de unidade, indispensável não só à conservação do poder, mas adequado à instauração de um regime autoritário, estável e duradouro. A essencial natureza do Estado Novo envolve sua capacidade de estruturar e arbitrar autoritariamente os equilíbrios fundamentais entre elites políticas e interesses dominantes mesmo contraditórios entre si. Esse período foi a caminhada de Salazar para o poder, ocorrendo a implantação e consolidação do Estado Novo entre os anos 1934 e 1940.

Para Valentim Alexandre (1993), a ideologia colonial do Estado Novo, tal como reformulada em 1930, tinha influência do pensamento darwinista social. Na perspectiva de Armindo Monteiro a seleção natural levaria ao aniquilamento de parte das raças negras, mas, por outro lado, conservaria outra parte para que futuramente pudesse povoar a selva, dando a Pátria todo o aparato necessário.

A política colonial estava relativamente ligada à sua administração dentro das colônias, pois era concebida como um meio auxiliar de colonização e controle dos corpos nativos, operando não só como modo de reprodução da hierarquia social e da seleção das elites, mas também como mecanismo capaz de produzir a imagem de inferioridade do colonizado face ao colonizador, visto que, a administração colonial manteve muitas das características herdadas do antigo regime como, por exemplo, a confusão entre as esferas pública e privada, a acumulação dos mesmos cargos de funções de ordem diversa, tanto civil quanto militar. Fez com que a estrutura administrativa ficasse concentrada nas mãos das famílias influentes da população crioula local. Os próprios governadores agiam mais como representantes dos interesses coloniais junto do poder central do que como agentes de um aparelho do Estado centralizado e hierarquizado. Um sistema administrativo só elevaria as colônias africanas e por consequência a metrópole, fixando núcleos urbanos, criando uma seleção de tratamento desigual, ou seja, destinando trabalhos específicos para nativos e outros exclusivos dos colonos.

A partir das análises dos *Cadernos Coloniais* através dos discursos, das imagens fica evidente que os portugueses sinalizam que o atraso cultural da raça negra servia como elemento privilegiado da defesa da necessidade de uma legislação especial voltada para as populações africanas. A potencial combinação entre o respeito pelas particularidades dos usos e costumes indígenas com o objetivo colonial de promover uma futura assimilação dos africanos a um grau superior de civilização. A política colonial assume um papel de assimilação das raças durante o Estado Novo, em consonância com a propaganda do regime, pois o discurso colonial da época incide numa ideia de finalidade ou de uma missão a cumprir por Portugal no Ultramar, como portador dos

valores universais da civilização face aos povos primitivos. Essa missão foi uma das ideias centrais do Estado Novo, que seria fortificada com o Ato Colonial.

A política de assimilação, que foi uma tentativa do Império Português em modificar a tradição cultural de um reduzido número de nativos das colônias, e, por meio da sua europeização, formar uma elite que colaborasse na obra dos colonizadores. Dessa maneira, essas ações demonstravam que a nação portuguesa sempre fora capaz de aculturar outros povos e de que ela teria até mesmo obrigação moral de assim agir. Para que o africano colonizado alcançasse o título de assimilado era preciso todo um conjunto de requisitos como, por exemplo, saber ler e escrever, vestir e professar a mesma religião que a dos portugueses e manter padrões de vida e costumes semelhantes aos europeus. Só assim poderiam usufruir de direitos que estariam vedados aos africanos não assimilados.

### **A questão racial e de gênero nos *Cadernos Coloniais***

Nós, portugueses, que pretendemos ter, sobre a África, direitos históricos que aos outros povos negamos, que falamos do nosso ultramar com sonoridades imperiais, que o consideramos – de direito, enquanto não o é de facto – como prolongamento da metropole europeia, precisamos harmonizar palavras e actos, com a transposição dos deliciosos cenários da Patria para as nossas terras de além<sup>1</sup>.

Para a autora Archer (1939), os *Cadernos Coloniais* procuravam descrever como foi esse contato e as sensações que os portugueses tinham ao chegarem nas suas possessões na África. Fica evidente a partir da citação acima que o reflexo da colonização foi marcado no momento em que esse contato subtrai tudo que foi visto pelos olhos do Outro. E que a análise que se faz do Outro justifica as missões portuguesas além-mar.

É possível perceber dentro dos discursos e das imagens que os *Cadernos Coloniais* abordam a forma de como o povo africano se encontrava diante de todas as questões pontuadas pelos portugueses e como essa manobra de controle do colonizador português afetava sua identidade étnica. Para Fredrik Barth (1998), essa identidade étnica é utilizada como forma de estabelecer os limites do grupo e de fortalecer sua solidariedade. Os traços culturais que definem esses limites do grupo podem mudar, e a cultura pode vir a ser objeto de transformação. Cada indivíduo, dentro de um determinado contexto seja ele histórico ou geográfico, contribui para a etnicidade de seu grupo, adequando-se como ator da trama cultural.

Segundo Villen (2013), a condição dessa relação entre colonizadores e colonizados era desde o início, não reconhecer os nativos com uma dignidade humana igual à aquela dada ao homem branco europeu, isso vai se estendendo ao âmbito dos direitos civis e religiosos. Essa divisão de posições vai se estabelecendo entre colono-branco-europeu e

---

<sup>1</sup> ARCHER, Maria - Singularidades dum país distante. *Cadernos Coloniais*. N° 11, p. 13-15, 1939.



imposta aos negros era fundamental ao sistema: aos primeiros eram destinados os melhores cargos como os proprietários e dirigentes da força de trabalho, ao segundo grupo estavam condenados a uma condição servil ou puramente a escravidão.

As barreiras raciais dentro do processo de colonização fazem uma denúncia sobre a forte propaganda da ideologia colonial que visava camuflar as raízes racistas da obra colonial portuguesa. Os próprios artigos e imagens contidos na revista são pontuados de formas niveladas sob um determinado ponto em detrimento de toda uma identidade que vinha a ser aculturada com a justificativa de elevar a vida de tais povos. Essa ideologia foi fortemente difundida e aparece de forma elaborada sob o regime salazarista. Ou seja, é importante entendermos a relevância dessas análises da prática de discriminação e preconceito racial como um fato histórico estrutural de todos os sistemas coloniais.

Assim como os *Cadernos Coloniais*, outros periódicos portugueses como, por exemplo, o *Boletim Geral das Colônias*<sup>2</sup> se instituiu como propaganda e como uma ideologia que visava “informar” e “esclarecer”, mas segundo a perspectiva e interesse do regime português. Essa ideologia se estabeleceu para defender os portugueses de acusação de racismo e salvar seu desempenho como prática colonial. Assim, diante de todos os contatos coloniais existentes na África o colonizador português acreditava e defendia que sua prática colonial foi a menos marcada por preconceitos coloniais se comparada aos outros sistemas coloniais europeus.

Pontuar o espaço social destinado à mulher africana e a questão racial é quebrar com o discurso autoritário, autorizado e único, que se pretende universalizar. Busca-se aqui, sobretudo, romper com o regime de autorização discursiva e conhecer como foi o contato com as etnias que habitavam a África portuguesa naquela altura. No caso do corpo feminino, esse olhar colonialista pode ser considerado como elemento que condiz a uma estrutura social que determina o lugar condicionado para essas mulheres. Seu corpo, sua vestimenta, seu adorno são componentes fundamentais para quem os estudam. Dessa forma, é perceptível as representações da sensualidade da mulher africana em que explorava o seu corpo com o intuito de passar uma mensagem para atrair o homem ou mesmo para iniciação de uma nova fase da sua vida, como podemos ver na imagem abaixo.

---

<sup>2</sup> O *Boletim Geral das Colônias* foi uma importante publicação, que tratava exclusivamente dos assuntos relativos às colônias portuguesas, destacando as riquezas dos domínios ultramarinos, segundo a ideologia do Estado Novo. Iniciou-se com um título mais restritivo de «*Boletim da Agência Geral das Colônias*», título que manteve durante 10 anos até 1935, altura em que, num sentido mais lato, passou a designar-se «*Boletim Geral das Colônias*». Em agosto de 1951, no N° 314, o *Boletim* muda novamente o seu nome para «*Boletim Geral do Ultramar*», título que se manterá até ao fim da publicação. Serão analisados ao todo 209 edições entre os anos de 1933 a 1950. O *Boletim Geral das Colônias/Ultramar* foi o mais sistemático e um dos meios de informação e comunicação de propaganda colonial entre os anos de 1925 a 1970.

Imagem 1: Mulher que habitava Angola



Fonte: ARCHER, Maria. *Cadernos Coloniais*. Ninho de bárbaros. N° 15, capa, 1939.

Podemos perceber que a mulher africana está sob o olhar do colonizador português, onde o mesmo invade o espaço da mulher na tentativa de registrar suas tarefas diárias. Existe um corpo educado nos gestos, um corpo que tem como objetivo se comunicar por determinadas poses, vestimentas, adornos e lugares. Ao analisar a imagem 1 identificamos como a pose foi induzida para representar o dia a dia dessas mulheres nas colônias portuguesas na África e o não contato visual identifica uma relação de poder, ou seja, de um não enfrentamento para com o colonizador. Outro fato importante envolve sua seminudez muito bem destacada (a mulher não direciona o olhar para frente, mas seu corpo está totalmente voltado para as lentes do fotógrafo) evidenciando seus seios e condicionando suas carnes a visibilidade do Outro. É interessante considerar que ela carrega nos braços parte do cultivo de milho seco o que pode ser um indicativo a um propósito em relação a força do trabalho. Espaço que vai além dos afazeres domésticos demonstrando que estavam sujeitas a força laboral em todos os sentidos, espaços e situações. A condição de “selvagem” tão defendida pelos colonizadores também está marcada no seu corpo como, por exemplo, suas pernas do joelho para baixo estão sujas de terra demonstrando que nas colônias os nativos tinham vida simples e rústica.

Para Carmem Lúcia Soares (2002), o corpo dentro da sociedade passa a ser adestrado, conduzido, subjugado, educado, domesticado tornando esse corpo informatizado. A pele passou a ser considerada menos uma barreira entre o ser e o mundo e muito mais como instrumento de comunicação entre o dentro e fora, o público e o privado categorias que entram em evidência no campo e também socialmente. Essas reflexões nos ajudam a compreender como esse corpo, essa carne feminina foi exposta pela revista onde a extrema valorização da corporeidade africana tornou-se um lugar central do corpo humano.

A abordagem teórica de David Le Breton (2012a), no qual diz que o corpo passa a ser uma construção simbólica e não uma realidade em si. Nesse sentido, o corpo que

parece ser evidente é mais inapreensível do que se pensa, uma vez que é feito a partir de uma construção social, histórica, política e cultural. Dentro do *corpus* dos *Cadernos Coloniais* a representação do corpo feminino vem sendo construída como um viés paradoxal de concepções acerca do corpo. O autor nos faz refletir diante de duas premissas, de um lado, ele pode ser visto como o demarcador das fronteiras entre o indivíduo e o mundo; e do outro, é concebido como dissociado do ser. Ou seja, instala-se um bipolaridade: uma visão restritiva do corpo mais como um ter do que um ser, onde o homem não apenas se distancia do corpo, mas também o deprecia, e outra que faz do corpo a identidade do homem produzindo no indivíduo um sentimento novo de ser ele mesmo, antes de ser membro de uma comunidade.

As análises de David Le Breton (2012b) são de suma importância, pois ele não só atualiza esse debate na construção cultural do corpo, como também procura estabelecer diálogos que buscam lidar com as tensões entre natureza e cultura que atravessam a discussão acerca do corpo. Dessa maneira, o corpo da mulher africana é posto como emissor e receptor, pois produz sentidos continuamente no interior de dado espaço social e cultural.

Nessa discussão, o corpo é visto como algo indistinto do homem, mas como uma posse, um atributo, um Outro. O corpo reconhecido como um lugar de contato privilegiado com o mundo, está sob a luz dos holofotes. Assim, o corpo da mulher africana descritivo nas imagens e nos textos traz a marca do indivíduo, a fronteira, o limite distinguindo-o do Outro.

Os estudos de Carlos Ginzburg (1989), contribuem para as análises das imagens que estão sendo estudadas nos *Cadernos Coloniais*, pois ele aponta possíveis caminhos de como atua uma imagem erótica. Em sua obra intitulada, *Mitos, Emblemas e Sinais: Morfologia e História*, suas análises envolvem os códigos de figuração erótica no século XVI. Ginzburg percorre a circulação da imagem erótica nas pinturas de Ticiano na Itália. O que aproxima essa análise com as imagens da revista diz respeito ao ato sexual seja ou não representativo diretamente, ao público que é exclusivamente masculino tornando-o protagonista e as figuras representadas ao identificar mulheres nuas que se expõem aos parceiros de uma imaginária relação sexual.

Assim, as iconografias apresentadas no texto se propõem as ponderações sérias, pois essa imagem erotizada em sentido estrito é uma imagem que sugere de modo deliberado (mesmo que não exclusivo) excitar sexualmente o espectador. Sendo capaz também de incluir uma definição mais ampla para além das intenções dos seus autores que acabam por assumir uma carga erótica aos olhos do público ou parte dele.

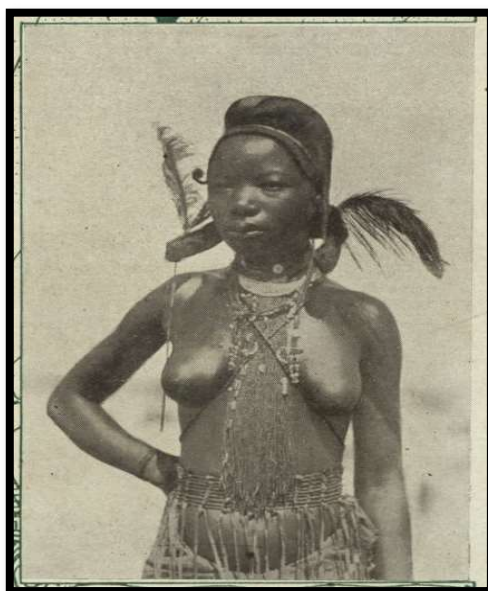
Ao que se refere aos *Cadernos Coloniais* percebemos que o enriquecimento da imaginação erótica provocado pelas imagens de mulheres negras seminuas na qual ilustravam as vulgarizações representam espaços definidos e objetivos para tais exposições. Essa carga erótica confirma um indício marginal sobre esse corpo africano em que transformam suas carnes em um corpo estruturado e conceitual moldado para se encaixar em uma realidade socialmente condicionada e aceita.

Dessa maneira, Tzvetan Todorov (1982), conceitua o Outro como um sujeito que deve ser hierarquizado no momento em que a superioridade da raça ganha força, forma



e visibilidade. Torna-se evidente como dentro do contexto dos *Cadernos Coloniais* o contato entre portugueses e africanos passam a ser estabelecidos onde o segundo parece estar sempre condicionado ao primeiro na tentativa de se encaixar em uma realidade que até então não era sua na tentativa ou imposição de uma possível assimilação por uma das partes. Desse modo, torna-se necessária abordar o papel dos *Cadernos Coloniais* na construção dos discursos que dão suportes aos processos de construção histórica de um povo que dentro de um processo de colonização ficou subordinado aos olhos do Outro. Cria-se um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes. Uma unidade narrativa, mesmo que seja multiforme e não mais unitária, portanto, se desenvolvendo em que se trata de fronteiras e das relações com o Outro.

Imagem 2: Mulher Angolana



Fonte: ARCHER, Maria. *Cadernos Coloniais*. Singularidades dum país distante. N° 11, capa, 1939.

As imagens expostas nas capas da revista como já descrito acima gera um desconforto para aqueles que veem. Pois seu corpo nu reforça um olhar em que a mulher africana é objetivada onde ele passa a ser considerado como um convite para que os colonos portugueses migrassem para suas possessões. Ao analisar as imagens uma curiosa combinação chama atenção, por exemplo, ao se comparar tais imagens podemos perceber que ambas contêm uma série de alegorias em prosa, totalmente idênticos como os adornos, os gestos súteis, os seios nus, o olhar que não encara as lentes do colonizador, mas onde seu corpo está totalmente voltado para tal exposição. Na iconografia acima a mulher angolana apresenta características de participação de um ritual, pois era comum que nas sociedades africanas os penteados indicassem um processo de iniciação, um casamento, a marcação da fase para a vida adulta esse detalhe difere da primeira imagem.

Precisa-se refletir como a representação feminina vem sendo construída na revista portuguesa (*Cadernos Coloniais*) a autora Guacira Louro (1996), pretende mostrar as principais características e a instabilidade do conceito de gênero. E como esse conceito vem sofrendo alterações a partir do momento em que a história, a literatura e a sociologia entram em debate, proporcionando discussões teóricas sobre o tema e também dando visibilidade ao sujeito feminino. O conceito de gênero veio confrontar ao conceito de sexo. Assim, perceber como a mulher africana tem seu papel social e histórico construído foi de suma importância, pois as características e atitudes atribuídas para as mulheres reforçam sua condição de sujeito em determinados espaços na sociedade.

Nos *Cadernos Coloniais*, o corpo feminino foi muito mais visibilizado que o corpo masculino. Essa diferenciação categoriza o lugar da mulher como submisso em relação ao do homem africano e ainda mais ao do homem branco e colonizador. Assim, a autora Teresa de Lauretis (1987) defende a questão de que os discursos sejam eles institucionais, artísticos, entre outros, contribuem para perpetuar as diferenças estereotipadas impostas para diferenciação entre masculino e feminino. Ela procura um conceito de gênero que vai além da desconstrução da imbricação de gênero e as diferenças sexuais. De modo que, mesmo quando localizada no corpo da mulher a sexualidade é sentida como atributo ou uma propriedade do masculino.

Imagem 3: Casal Antípodas



Fonte: BRAGA, Paulo. *Cadernos Coloniais*. Nos antípodas. Nº 21, capa, 1939.

Na imagem 3, vários elementos chamam atenção inclusive confirma como a representação da mulher está sendo condicionada socialmente: 1- Assim como nas outras imagens a mulher e nesse caso também o homem não olham diretamente para lentes fato que expressa a condição de subalternidade tão presente nas relações entre colonizadores e colonizados; 2- A mulher está completamente vestida indicando um status de mulher casada, ou de mãe; 3- O espaço natural em que estão inseridos também

passa uma mensagem de contemplação para quem os veem, pois seria mais um atrativo de convite esse contato próximo com a natureza sendo um fator determinante para que os colonos migrassem para as colônias portuguesas. 4- Essa imagem poderia representar traços da miscigenação desejada, pois apesar da mulher estar com roupas de mulher casada, revela traços e cabelos africanos diferente do homem. Assim, essa imagem nos ajuda a refletir sobre o que seria essa ideal da colonização através da miscigenação e mais além poderíamos pensar que esta seria mais um ideal de colônia?

As imagens apresentadas na revista parecem não se tratar, pois de um regime de liberdade política ou civil africana ou mesmo de evidenciar o grau de sua civilização, mas sim de um governo autoritário e de grande tutela no caso, o governo português. Colocando a mulher como um objeto a ser desejado e passível de submissão da colonização branca e indicando meios que proporcionem uma colonização dirigida. A política colonial não visava apenas a exploração da colônia, mas também pretendia exercer uma ação civilizadora.

A posição da mulher negra sempre esteve propensa a julgamentos mesmo que sua sociedade seja matriarcal. Seu corpo é duplamente subjugado e assujeitado, ou seja, ele não possui valor a não ser o da reprodução e o peso que o homem deveria carregar. No artigo sobre como era instituído o contrato de casamento, por exemplo, a mulher africana já não tinha voz alguma sendo seus pais ou tios que se apropriavam dos trâmites necessários para que isso ocorra como podemos conferir na citação abaixo:

A pretendida, essa nunca foi consultada, pois terá de aceitar passivamente a vontade da família. Algumas vezes dá-se até o caso dela estar ainda no ventre materno ou ser criança de mama. Êste, então, é um dos aspectos do casamento que o tempo tem modificado e, dentro em breves anos, desaparecerá por completo, pondo termo a uma anomalia revoltante e estúpida<sup>3</sup>.

Entende-se que tanto nas imagens como nos artigos, as manobras impostas ao corpo da mulher africana, pelo colonizador português, foram vistas como depreciativas. O corpo apropriado sexualmente passa a ser um triunfo do colonizador. É que por meio da exploração das imagens podemos ter uma noção como o processo de apropriação indiscriminada do corpo da mulher negra causou efeitos psicológicos, espirituais, físicos graves na população feminina, pois ele foi procurado pelo colonizador para contemplar suas vontades e realizações de seus desejos e também foi visto exclusivamente para o trabalho, ganhando assim, a mulher o papel de força laboral pela atividade sexual, como mulher-sexo.

O autor Erving Goffman (1975), nos ajuda a pensar a relação com o Outro no momento em que a sociedade estabelece os meios de categorizar as pessoas não apenas como uma categorização de traços externos, mas também uma maneira de delimitar as fronteiras do eu e do Outro. Ou seja, quando o Outro nos é apresentado e passam a ser

<sup>3</sup> CARREIRA, António– “Vida, religião e morte dos Mandingas”. *Cadernos Coloniais*. Nº 37, p.15, 1937.

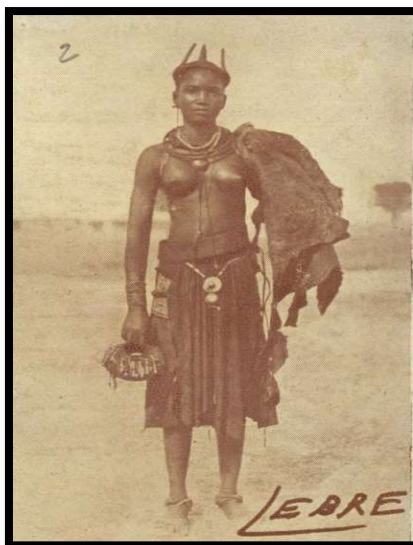
criados estereótipos diferentes dos atributos de um determinado indivíduo provocando um processo de estigmatização.

Para a autora McClintock (2010), os estigmas raciais foram usados para elaborar as mínimas diferenças onde as hierarquias de raça, gênero e classe se sobrepunham as comparações. A retórica encontrada nas raças era utilizada para inventar distinções entre as que hoje chamaríamos de classes. Já a retórica do gênero se apresenta para fazer distinções cada vez mais finas entre as diferentes raças. Pois a raça branca era vista como um macho e a raça negra como uma fêmea e a retórica de classes era para inscrever sutis distinções entre outras raças. Essa analogia triangular (raça, classe e gênero) consistiria em uma forma especificamente moderna de dominação social.

O corpo da mulher negra africana foi sendo criado através de estigmas. Apresentando um corpo funesto. Essa influência exercida pela colonização foi muito mais complexa ultrapassando a visão social, política, antropológica, econômica e cultural. As consciências históricas foram modificadas e com isso cunhadas de novos sentidos, novos significados na medida em que os papéis sociais são alterados pelas dinâmicas sociais no percurso da história. Assim, a objetivação do corpo feminino determina novos fios condutores em sua existência cultural/social. Nos espaços da revista que situam as imagens e os textos o processo de colonização difundiu uma lógica de imposição colocando a mulher africana como coisificação do Outro, sendo justificada pelo pensamento de uma pressuposta raça inferior.

Para a autora Jacqueline Oliveira (2015), durante a colonização a apropriação do corpo do colonizado foi a melhor maneira de exercer sua dominação. Sendo por meio do corpo que se deu o esboço de dominação e superioridade racial. Todo esse tratamento em que a mulher africana foi submetida foram prejudiciais no que tange à identidade e autoestima do povo africano. Fazendo com que o corpo negro entrasse em espaço de negociação. Fica claro que durante todo o processo de ocupação e dominação, o corpo feminino foi tomado como meio de execução de forças em todos os sentidos.

Imagem 4: Vestimentas de uma angolana



Fonte: ARCHER, Maria. *Cadernos Coloniais*. Ninho de bárbaros. N° 15, capa, 1939.

Na figura 4 vê-se uma africana que ostenta um ar sério que diferentemente das outras imagens seu olhar é direcionado para o fotógrafo. Sua roupa é apenas uma saia e seu corpo está repleto de adornos. Na cabeça, uma tiara que ajusta perfeitamente com o conjunto dos colares, da bolsa e a capa sobre os seus ombros. A posição frontal faz com seus seios nus ganhem destaque especial na composição. A técnica de trabalho empregada nessa composição se assemelha as anteriores (imagens 1 e 2) em relação a exposição do corpo seminu, mas a diferença está no afrontamento do olhar. Assim, estaria ela encarando como forma de se impor ao colonizador branco europeu? Esse enfretamento deixa marcas de uma não total submissão dos seus corpos expostos, mas um detalhe é intransponível, ela tem que andar descalça. Indicando um sinal indisfarçável de sua condição de nativa.

A maioria das fotografias analisadas nos *Cadernos Coloniais* encontram-se nas capas da revista tornando-as um fator ainda mais instigante. Fica evidente que as ligações entre a imagem fotográfica e a propaganda colonial constituem um acervo complexo em que as análises exercessem um papel fundamental sob aqueles que as produzem, tal como seus próprios interesses dos que veem. É importante frisar que o acesso a revista era amplo devido ao seu baixo custo aumentando assim seu sentido qualitativo e quantitativo.

Para a autora Teresa Matos Pereira (2017), as imagens fotográficas integram uma variedade muito abrangente do colonialismo visual praticado pelos portugueses que serviu tanto como forma de concretizar suas conquistas e retratar visualmente seus territórios coloniais, evidenciando por meio desta outra realidade, apontando suas estranhezas e naturalizações de uma sociedade diferente da sua.

Assim, entende-se que a fotografia tem um papel de crucial importância como modalidade discursiva, pois seu alcance é mais abrangente do que a escrita fazendo deste um meio de comunicação a serviço da legitimidade e manutenção dos poderes coloniais durante o regime salazarista. Moldando o imaginário ocidental acerca dos territórios e das sociedades colonizadas que fortaleceu a presença dos portugueses nas possessões ultramarinas e a conceber a ideia para a ida de mais colonos para esses espaços que seria um dos projetos coloniais de Salazar.

Problematizar as imagens e entender sua multiplicidade nos *Cadernos Coloniais* é abrir espaço para a desconstrução de um discurso montado e forjado nunca uma imagem se impôs com tanta força em nosso universo estético, técnico, cotidiano, político e histórico. Para o autor George Didi-Huberman (2012), uma das grandes forças da imagem é criar ao mesmo tempo sintonia e conhecimento. É enxergar através dela o lugar de onde sofre, o lugar de onde se expressam os sintomas. Saber olhar as imagens dos povos africanos, precisamente as capas da revista portuguesa seria, de certo modo, tornar-se capaz de discernir o lugar onde arde, o lugar onde sua eventual beleza reserva um espaço capaz de proporcionar uma construção desse silêncio em um trabalho de linguagem crítico, analítico de seus próprios clichês.



Imagem 5: Rapariga moçambicana



Fonte: QUINTINHA, Julião. *Cadernos Coloniais*. Manica e Sofala. Nº 50, capa, 1939.

Com relação a imagem 5, assim como a mulher da figura 4, a roupa se restringe apenas nas partes de baixo e seu olhar encara as lentes do fotógrafo. De todas as imagens analisadas no artigo essa em particular a mulher apresenta mais desenvoltura diante do fotógrafo, já que mostra um semblante bastante tranquilo mesmo que visivelmente seu sorriso possa ter sido idealizado ou espontaneamente provocado, pois a boca e os olhos não parecem sorrir de forma natural. Sua postura chama a atenção, principalmente, por sua forma rígida de posar, seu olhar seguro e seus braços cruzados, buscando o que seria uma postura de posicionamento, mas sem abaixar o rosto, mesmo estando seminua. A pose é de meio frontal, suas vestes são formadas por um pano listrado o que seria apenas uma saia. Ela se destaca diante do fundo que pode ser uma das habitações que eram usadas pelos nativos, todas as variantes narradas dão uma forma especial para a composição da imagem.

Inevitavelmente, a cena que vemos foi elaborada num processo amplo, possivelmente essas imagens ao mesmo tempo que retratam uma realidade também descaracteriza o espaço social dessas populações, pois o exotismo das suas carnes, seus corpos, seus adornos, suas roupas tornam-se elementos atrativos aos olhos do Outro. Outra questão é que as iconografias são compostas por personagens cotidianamente envolvidos no ir e vir da comunidade, ou seja, eles estão efetivamente influenciando na cena local, interagindo com o seu ambiente natural. Essa realidade vista nas fotografias não pode ser entendida como algo distante e remoto, já que o objeto em questão é algo que permanentemente faz parte do dia a dia dessas pessoas.

Fica claro que por meio da imprensa colonial foi possível a construção de comunidades imaginadas. Os *Cadernos Coloniais* são até hoje uma ferramenta incontornável para fomentar narrativas e ideias das identidades europeias

transportadas nas colônias e foi também através desse periódico que as populações da metrópole conheceram uma nação imperial além-mar.

Todas as representações raciais e de gênero na revista possibilita uma discussão que permeiam as relações de poder entre homens e mulheres, a opressão do gênero evidencia um delinear das desigualdades entre eles na história das sociedades ocidentais. Essas relações de poder são referentes ao contato entre colonizador/colonizado e todas as relações sociais sofrem constantes transformações ao longo da história.

No contexto dos *Cadernos Coloniais* a utilização da propaganda política visava legitimar uma ideologia colonial apresentando o colonizador como protagonista social que proporcionava a base de uma nova civilização para com os povos africanos que permanecem diretamente ligados a um determinado comportamento que se adequa aos olhos do colonizador branco europeu nos quais conduz as interpretações que passam a se imporem como corretas levando a um discurso montado e reproduzido de forma a comprovar que aquele que se assume como superior tem razão para tudo quanto faz.

Para McClintock (2010), as mulheres servem como marcadores de limites e figuras liminares, pois facilitam o enredo masculino e as transformações masculinas, mas não são agentes de mudanças, nem são herdeiras do poder seja ele, político ou social. As mulheres africanas faziam a maior parte dos trabalhos agrícolas e domésticos. O lar se baseava numa exploração sistemática do trabalho das mulheres e na transformação dele em poder político e social masculino.

Através das produções textuais e imagéticas na revista, os *Cadernos Coloniais*, torna-se evidente reconhecer um campo patriarcal semelhante aos padrões europeus ocidentais tendo a figura da mulher como forte representatividade sendo possível problematizar a ideia de passividade e subserviência feminina por um lado e dos homens, por outro, controlando e organizando suas sociedades, fato que facilitaria a colonização o considerando como uma dádiva, pois possibilitava uma melhoria nas condições de vida dessa população e a mulher africana poderia ser olhada como um objeto com a tentativa de atrair mais colonos para além-mar.

As contribuições de Michel Foucault (2014), no que se refere a análise do discurso exerce uma função de controle, de limitação e validação das regras de poder em diferentes períodos históricos e grupos sociais. Pontua ainda que, para analisar os discursos, deve-se “(...) questionar nossa vontade de verdade, é preciso reconhecer, ao contrário, o jogo negativo de um recorte e de uma rarefação do discurso (...) p. 49”. Assim, o discurso é a explicitação do mundo, a verbalização de uma realidade, na qual estamos inseridos, através do discurso o material pode ser compreendido, interpretado, reorganizado, profanado.

É possível perceber na revista como as relações discursivas estão sendo colocadas dentro de uma simbologia de poder. Foucault (2004), nos ajuda a pensar a existência de um sistema de poder que inviabiliza, impede e invalida saberes produzidos por grupos subalternizados. O discurso passa a ser, portanto o objeto desejado para redefinir os espaços sociais no que se refere a raça e ao gênero do povo africano.

É importante destacar que o lugar da mulher africana que é sentido no espaço

da revista portuguesa colonial em questão está fortemente ligado à ideia de segundo plano social, ou seja, cabiam somente aos homens os melhores cargos, os melhores trabalhos com suposta sabedoria, sensatez e coerência, assim como, o estatuto privilegiado masculino, que atende aos preceitos coloniais. Dessa maneira, demonstra como estão sendo colocadas as produções discursivas e imagéticas na revista portuguesa no que tange os reflexos sobre gênero e raça produzindo espacialidades sobre o universo africano.

Desse modo, torna-se necessária abordar o papel da revista na construção dos discursos que dão suportes aos processos de construção histórica de um povo que dentro de um processo de colonização ficou subordinado aos olhos do Outro. Michel de Certeau (2008) afirma que é a partir de um lugar que passam a operar redefinições e novas explorações da história, pois surgem novas questões e são fornecidas respostas diferentes as antigas questões. É a partir desse espaço que um lugar é praticado. “Desse modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito (...) p. 202”. Ainda segundo Certeau (2008), os relatos efetuam um trabalho que transformam lugares em espaços e espaços em lugares oferecendo um campo muito rico à análise da espacialidade. Cria-se um campo que autoriza práticas sociais arriscadas e contingentes. Uma unidade narrativa, mesmo que seja multiforme e não mais unitária, continua, portanto, se desenvolvendo em que se trata de fronteiras e das relações com o Outro.

Assim, espaço é por sua vez definido por e a partir de apropriações afetivas que decorrem com os anos de vivência e as experiências atribuídas em favor das relações humanas. Dentro dos *Cadernos Coloniais* o caminho que vai sendo construído nos possibilita enxergar tais espaços de análise por meio do contato entre os africanos e os portugueses e que a partir desse relacionamento cada indivíduo dentro da sociedade acaba sendo condicionado a um espaço social no que diz respeito ao gênero e a raça.

McClintock (2010), afirma que através dos rituais, da domesticidade, cada vez mais global e violenta seja nas mulheres ou em pessoas colonizadas era retirada de seu espaço de “selvajaria”, ou seja, seu estado natural, e eram induzidas por meio de uma narrativa doméstica do progresso, a uma relação hierárquica para com os homens brancos. Evidência mais que sentida nas imagens e nos artigos que compõem as folhas da revista em questão no que se refere na tentativa de domesticar para controlar um povo colonizado.

Essas análises que são frutos de toda uma historicidade pautada na escravidão, das presenças colonialistas que transmitem uma imagem emblemática do que foram e o que são esses povos. Os estereótipos são apresentados de forma naturalizada apresentando um povo sem cultura, um povo selvagem, desorganizado, uma religiosidade centrada em rituais tudo isso que iria contra os ensinamentos dos europeus em seus territórios e que deveriam ser combatidos.

Nos *Cadernos Coloniais*, essas sociedades africanas estavam restritas ao trabalho e à sujeição do Outro como pode ser visto nas análises discursivas produzidas pelas imagens e pelos textos contidos na revista. Assim, será preciso buscar observar como a consciência histórica traçada pelo sistema colonial colocou em posição de visibilidade a

mulher africana e que ao mesmo tempo ignorou seu padrão estético corporal, buscando aniquilar sua representatividade enquanto ser.

## Referências

ALEXANDRE, Valentim. *Os sentidos do império. Questão nacional e questão colonial na crise do antigo regime português*. Porto: Afrontamento, 1993.

CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2008.

DIDI-HUBERMAN, Georges. Quando as imagens tocam o real. *Pós: Belo Horizonte*, v.2, n.4, p.204-219, nov. 2012.

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*: aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

\_\_\_\_\_. Os intelectuais e o poder. In: *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas e sinais: morfologia e história*. Tradução de Frederico Carotti. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada*. Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes (Trad.). Rio de Janeiro: LTC, 1975.

LAURETIS, Teresa de. Tecnologia de gênero. In: Buarque de Holanda, H. (Org.). *Tendências e Impasses: O Feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco, 1994, p. 206-242.

LE BRETON, David. *Antropologia do corpo e modernidade*. 2 ed. Petrópolis: Vozes, 2012a.

\_\_\_\_\_. *Sociologia do corpo*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 2012b.

LOURO, Guacira Lopes. “Nas redes do conceito de gênero”. In: LOPES, M. J. D.; MEYER, D. E.; WALDOW, V. R. (orgs.). *Gênero e saúde*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas, 1996.

MCCLINTOCK, Anne. *Couro Imperial: raça, gênero e sexualidade no embate colonial*. Tradução Plínio Dentzien.- Campinas, SP: Editora: Unicamp, 2010.

OLIVEIRA, Jacqueline. O papel da colonização africana na percepção do corpo da mulher negra: uma leitura de O Alegre Canto da Perdiz. 2015 <<https://www.geledes.org.br/o-papel-da-colonizacao-africana-na-percepcao-do-corpo-da-mulher-negra-uma-leitura-de-o-alegre-canto-da-perdiz/>> Acesso em: 07/05/2020

PEREIRA, Teresa Matos. Fotografia e propaganda colonial. Notas sobre uma união de interesses na primeira década do Estado Novo. *Comunicação Pública*, v. 12, n° 23, p. 1-23, 2017.

SOARES, Carmen Lúcia. Corpo, Educação e Natureza. *Projeto História: Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História*, [S.l.], v. 25, ago. 2012. ISSN 2176-2767. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/10581>>. Acesso em: 12 jun. 2020.

VILLEN, Patrícia. *A crítica de Amílcar Cabral ao colonialismo: Entre a harmonia e a contradição*. 1. ed. São Paulo: Expressão Popular, 2013.